

Em tempos de destruição capitalista, há um acalanto comunitário na alma...

“Ao final do caminho me dirão: E tú? Viveste? Amaste? E eu, sem dizer nada, abrirei o coração cheio de nomes” (Pedro Casaldáliga).

Escrever sobre o I Encontro da Fraternidade dos Mártires, é re-memorar que somos todas e todos, entrelaçados pela tradição dos cristãos das comunidades cristãs primitivas, cujas ações de Jesus, há dois mil anos, seguem sendo ameaça à ordem vigente, e ao mesmo tempo, profundo ensinamento da vida na energia do amor!

Herdeiras/os da **Teologia da Libertação**, do sentimento e da certeza de que Deus nos deu um mundo belíssimo, e que hoje já sabemos que há vários universos, formando assim o multiverso, quer que tenhamos **Vida com abundância de alegria, felicidade, justa distribuição dos bens**, sem desigualdades, violência, xenofobia, dominação, de nenhuma forma, seja pelo gênero, etnia, religião, lugar.

Neste sentido, nosso encontro de pessoas constitui-se em um acalanto na alma. Acalanto vem de calor, significa aconchegar ao peito, embalar, confortar. Bem isso mesmo que pudemos vivenciar em meio à um momento da história da sociedade brasileira, e mundial, em que vimos sinais de destruição em todas as partes. Estamos diante de uma encruzilhada histórica. **Os destinos que tomaremos, como humanidade, vão incidir profundamente nas próximas gerações.**

Tempos de ter coragem, de buscar a conexão com nossas ancestralidades, que nos permitiu chegar até aqui e agora. Ao mesmo tempo, buscar em nossos antepassados, as **forças e as lições para reescrever o tempo presente.**

Tempos que precisam de novos tempos. Tempos de **despir-nos das heranças da histórica colonização que tenta castrar nossos corpos para serem dóceis e submissos ao sistema do capital, numa sociedade marcada pelas imensas desigualdades sociais.** Tempos que nos levam a pensar sobre o modo patriarcal presente nas nossas vidas, que aprisiona nossas almas dentro de corpos que desde ao nascer estão numa posição de subalternidade. Tempos que inspiram um arrancar de nossos corpos e corações, a velha noção (entranhada em nós), de inferioridade racial e étnica, que nos fizeram acreditar que realmente as pessoas tem valor pela cor da pele, pelos traços étnicos. Tempos de pensar sobre a forma que pensamos em que, inclusive a nossa matriz de pensamento vem de uma herança que dividiu o mundo entre bons e maus, feios e bonitos, ricos e pobres, bons ou maus, perfeitos ou defeituosos.

Foi neste contexto que pudemos vivenciar as celebrações, as místicas, as vivências com toda beleza e ternura do nosso I Encontro da Fraternidade dos Mártires. Na acolhida aos participantes,

pelo Mirim e toda Equipe que preparou o **Mosteiro da Anunciação** para o carinhoso Encontro, rosas vermelhas de boas-vindas foram entregues para cada alma que habitou naquela noite aquele lugar.

Desde a chegada, com as terras trazidas dos mais distantes lugares do Brasil, fizemos em **mutirão uma mandala das terras**, em espiral, com terras em várias cores, enfeitada por sementes, que foi um símbolo do nosso centro de força espiritual e mística durante nosso Encontro. Foi sobre ela que fizemos memória do sangue de nossos mártires, que invocamos o Espírito Santo, os Encantados e as forças espirituais de todos os povos presentes.

Ainda, nossa **Espiritualidade poetizada**, esteve desenhada em traços dos bordados pelas **mãos de mulheres** do grupo “Linhas do Horizonte”, que desenharam suavemente símbolos de resistência, como a luta dos povos tradicionais contra a mineração, dos atingidos pelas barragens, a luta política pela justiça e contra a ditadura, por exemplo.

As celebrações também fizeram **memória da nossa América Latina**, regada do sangue de tantas e tantos mártires, enraizada e embebida das tradições indígenas e africanas, onde misturaram-se as histórias e a memória como ponte entre o passado e o futuro, entre o velho e a esperança do Novo que renasce como semente! A memória e o canto a São Sepé Tiaraju, como resistência latinoamericana, acalentou nossos ouvidos e corações.

Momento importante foi a memória que Jesus, ao repetir costume das comunidades dos essênios, que praticava os **princípios da humildade, da brandura e da tolerância**. Como sinal da humildade, do serviço ao próximo, delicadamente, repetimos o ritual do lava-pés.

Na celebração final, ecoou em nossos ouvidos os ensinamentos da Vanildes, a partir da pergunta “Qual a maior, mais importante, e essencial recomendação de Jesus?” A resposta é **“Amai-vos uns aos Outros”**.

Fomos abençoados na ida para casa pela Dona Zenilda Xukuru, do Povo Indígena Xukuru de Ororubá, de Pesqueira, Pernambuco. A espiritualidade deste Povo Indígena, com seus seres Encantados, esteve presente em todos nossos rituais, nos conduzindo para a certeza da vitória da Esperança, com um mantra que nos acompanhará pelos nossos caminhos, esparramados como um rio de luz, por todo o Brasil, **“Viva a Esperança”!**